

MIUDEZAS

RUBEM BRAGA

JUNHO vai morrendo em paz, amigos, e aqui pelo Rio não há grandes novidades, apesar de ter havido muitos governadores e mais uma porção de gente tentando escolher o cavalheiro que vai nos governar daqui a ano e meio. Não sei, mas ando pessimista, e estou com palpite de que vem por aí um senhor tão desagradável e borocochô que é da gente desanimar.

Entretamos, devemos anunciar a chegada do cônsul Mauri Gurgel Valente e de sua esposa, a romancista Clarice Lispector, que volta com mais um livro e com um filhinho novo. E por falar em infância, Hermano Requião nos dá, como contribuição ao 4.º Centenário da Cidade do Salvador, um belo livro que é também um belo volume (edição José Olímpio, capa de Santa Rosa, desenhos de Gonçalves) e se chama "Ttapagipe".

São histórias do tempo de menino, escritas com simplicidade e graça, que a gente lê de uma vez só. Em volta do menino Hermano, meio assustado com o professor Honorato, ergue-se uma velha Bahia, muito rezadeira e pagã, com doces e danças toda noite em casa no mês de maio, depois das orações; com circos mambembes, os rapazes espertos levando as moças para os lados do Mufo Preto, meninos brincando com castanha de caju, uma fábrica em regime patriarcal, William Farnum fazendo misérias no cinema do Zé Borges, "concertada" e "fatia-de-parida", regatas, feiras no Bonfim com gente tomando pinga e comendo vatapá, pastorinhas cantando na rua, pescarias de siri, e a nota cruel do velho Cesário abandonado em seu caixão, sob a chuva, na porta do cemitério, e a mulher dêle na cama, sugada de percevejos.

Tudo, afinal, tirando êsse colorido intenso da Bahia, é a mesma infância da gente, e nós todos assobiamos do mesmo modo para o empregado do circo, quer êle se chame "mata cachorro", "amarracachorro" ou "casaca-de-ferro"; nós todos corremos "picula" ou "pique", jogamos pelada e nos quedamos aflitos e tristes perante o ministério da primeira namorada. Um livro bom, que dá saudade de uma porção de bobagens.

E já que falamos em literatura, devemos dizer que pela primeira vez reparamos, neste domingo, no

suplemento do "Diário Carioca", a prosa de Geir Campos, de que já tínhamos visto ali mesmo uns poemas muito bons. Quem é êsse que aparece com um nome tão ruim escrevendo logo tão bem, hábil na frase e no verso, sensível e preciso? Saudemo-lo, e notemos que no "Correio da Manhã" Carlos Drummond de Andrade nos avisa que "é êste o nosso destino: amar sem conta" e que esta semana vai aparecer o "Jornal de Letras", dos irmãos Condé, que Murilo Rubião, o ex-mágico, mudou-se de Belo Horizonte para o Rio; que a Academia premiou o livro de contos "Cactus Vermelho", da jovem e excelente Lígia Fagundes; Newton Freitas voltou de Buenos Aires e Vão Gôgo, também conhecido como Milôr Fernandes, está com vontade de juntar suas coisas em um livro, o que é urgentíssimo. Acrescentemos ainda que estão partindo para Paris os críticos de arte Mário Pedrosa, Santa Rosa e Antônio Bento, enquanto êste pobre Braga sonha em vão com viagens lindas e se atoaia cada vez mais neste asfalto do Rio de Janeiro; e que Vinicius de Moraes preparou e mandou, para Manuel Bandeira ver, uma antologia de versos cuja publicação também é urgentíssima; e ainda que há esperanças de que a Câmara faça andar depressa o projeto Café Filho abrindo um crédito especial para ajudar o Teatro dos Estudantes, fazendo com que Pascoal Carlos Magno não faça mais a vergonha (para o Brasil) de se confessar fracassado depois de tão violento, belo, tresloucado e generoso esforço de fazer teatro neste país, de animar tanta gente, formar tantos artistas, agir tanto movimento no sentido de nos desemburrecer um pouco a todos!

P.S. — Logo no dia seguinte à publicação de uma crônica nossa transcrevendo trechos de uma carta da professora Zilma, diretora da Campanha de Alfabetização e Assistência Social de Cachoeiro de Itapemirim, recebemos o seguinte telegrama do professor Lourenço Filho, diretor da Campanha Nacional:

"Li seu artigo de hoje e logo fiz enviar professora Zilma Coelho Pinto uma bela bandeira que pessoalmente ofereço Campanha Cachoeiro. Peço licença fazer reproduzir resumo seu artigo jornais interior país que patrioticamente estão colaborando Campanha Educação Adultos. Exemplo professora Zilma deve ser conhecido e imitado em todos municípios país".

Tivemos comunicação de que o cachoeirense Nilton Borelli coletou e mandou para Zilma, além de fazendas, boa quantidade de material escolar.

28.6.49

179